



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

DISTRIBUIÇÃO

PREMEM

I. Currículo da Escola Politécnica

Smoky

Í N D I C E

1. Comissões
2. Introdução
 - 2.1 Justificativa da Implantação da Escola Polivalente
 - 2.2 Objetivos da Escola Polivalente
 - 2.3 Organização Curricular
 - 2.4 Orientação Pedagógica para Execução dos Programas
3. Programas
 - 3.1 Comunicação
 - 3.1.1 Língua Portuguesa
 - 3.1.2 Língua Estrangeira
 - 3.1.3 Educação Artística
 - 3.2 Ciência
 - 3.2.1 Matemática
 - 3.2.2 Ciências Físicas e Biológicas
 - 3.2.3 Geo-Ciências
 - 3.2.4 Ciências Sociais
 - 3.3 Artes Práticas
 - 3.3.1 Artes Industriais
 - 3.3.2 Técnicas Agrícolas
 - 3.3.3 Técnicas Comerciais
 - 3.3.4 Educação para o Lar
 - 3.4 Educação Física
4. Anexos
 - 4.1 Estrutura Administrativa da Escola Polivalente
 - 4.2 Normas Administrativas para Funcionamento da Escola Polivalente

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

PREMEM - MINAS GERAIS

Comissão Estadual

Prof. Ulisses Panisset, Presidente

Dr. José Antônio Coutinho

Profa. Imene Guimarães

Prof. Samuel Rocha Barros

Sr. Ary da Franca

CURRÍCULO DA ESCOLA POLIVALENTE

Professores: Samuel Rocha Barros, Presidente

Maria Antonieta Bianchi, Coordenadora

Ana Maria Casasanta Peixoto

Marina Couto

Regina Almeida

Rizza Araujo Pôrto

Wander Soares

PROGRAMAS - GRUPOS DE TRABALHO

1. COMUNICAÇÃO

Professores: Ângela Maria Dazzi Grissi, Carlos Maciel da Cunha, Clara Grimaldi Eleazaro, Dauria Vieira da Rocha, Eduardo Mata Machado, Gerard Boely, Ítalo d Mudado, José Américo Ribeiro, José de Oliveira Vaz, José Nogueira Starling, Luiz Gonzaga Teixeira, Magdala Lisboa Bacha, Magda Soares Guimarães, Maria Ângela de Faria Rezende, Maria Antonieta Antunes Cunha, Maria da Conceição Rezende Fonseca, Maria Nazareth Pinheiro Moreira, Maria Stella Nunes Mendes, Saul Martins, Solange Ribeiro de Oliveira, Terezinha Saad Bedran.

2. CIÊNCIA

Professores: Ana Maria de Moraes, Antônio David de Souza Sobrinho, Fernando Dias, Beatriz Glória da Silva, David Márcio Santos Rodrigues, Derly Gomes Laureano, Diva Helena Barbosa Moreira dos Santos, Eulina Rosa Falcão, Helena Lopes, Jenner Procópio de Alvarenga, Maria Alvarenga, Maria Efigênia Lage de Resende, Maria Onofra Peixoto, Maria Stella Neves Pereira, Nilda Ribas Diniz, Noêmia Enéas Diniz, Reginaldo Nunes de Souza Lima, Zilca dos Santos Fonseca.

3. ARTES PLÁSTICAS

Professores: Alcina Madalena de Almeida, Emilia Antônio Bravo, Lauro Nalesso, Luisa Xavier Teixeira, Maria Célia Duarte de Oliveira, Maria José Gomes Alves, Regis de Paula Fagundes, Roberval Brandão Nunes, Wany Araújo.

4. EDUCAÇÃO FÍSICA

Professores: Arminto M. ~~Machado~~ Coelho, Eustáquio S. Souza, Maria da Conceição Bonfim.

DATILOGRAFIA, MINEOGRAFIA E MONTAGEM

Adiléa Mendes de Oliveira, Elpídio Portugal Filho, Flávio Bracarense Silva, Glória Maria Rocha Jardim, Iara de Castro Pereira, Iêda Maria Bodolay, Juracy da Trindade Paiva, Marlene Tanajura Freire, Paulo Braz Gonçalves, Revalina Duarte e Sebastião Nunes Filho.

I - JUSTIFICATIVA DA IMPLANTAÇÃO NA ESCOLA POLIVALENTE

A educação brasileira passa atualmente por um período de crise. Essa crise constitui reflexo de uma crise mais ampla, a crise de nossa sociedade, que recebendo os reflexos da mudança social característica do mundo contemporâneo, luta ainda para vencer a barreira cultural do subdesenvolvimento. Essa luta assume caráter transcendente se lembrarmos que as nações que despertam para o desenvolvimento, para a modernização, não estão interessadas apenas em crescimento econômico, mas na construção de uma moderna ordem econômica, social e política.

O país se encontra numa fase de transição, de busca de novos caminhos. Sente-se a necessidade de uma ideologia do desenvolvimento. Essa ideologia deverá revestir-se de um sentido humanista, que transforme o homem em sujeito da história, através da aquisição de uma consciência histórica que lhe permita definir e acelerar o processo social como pretendem, entre outros, os filósofos Mounier e Chardin.

Jayne Abreu, ao analisar o problema do desenvolvimento na sociedade brasileira, defende a tese de desenvolvimento como forma de humanismo, reportando-se às palavras de Vieira Pinto na obra Consciência e Realidade Nacional: "O homem do país subdesenvolvido só realizará o seu ser ao desenvolver plenamente o mundo". "Esse desenvolver do seu mundo - no caso o seu país, ganha, assim, significado existencial". "Isso porque a humanidade não é conceito lógico, abstrato, metafísico ou agregado numérico de indivíduos, mas um modo de existir real do homem individual" e, quando "considerável grupo de homens se encontra em condições semelhantes, a humanidade é o modo de existir de tal sociedade definido por determinado grau de desenvolvimento, caracterizada como teor de realização do humano, identificada como estado de efetivação das possibilidades do homem no progresso da sua comunidade". "Pela analítica existencial se conclui que o estado do mundo que proporciona a situação para o estar no mundo é condição decisiva para o ser no mundo".

Conclui Jayne Abreu que a ideologia do desenvolvimento é essencialmente humanista tanto quanto o subdesenvolvimento é a situação de infra-humanismo, do subhumanismo ou do desumanismo.

De acordo com esta concepção, torna-se necessária a preparação do homem no sentido de despertar-lhe uma consciência crítica que lhe permita refletir sobre os problemas da comunidade brasileira e nela atuar de maneira lúcida. Aqui torna-se claro o importante papel da escola brasileira. A ela, como elemento estabilizador nas épocas

de conflito, cabe tornar mais brandas as crises abrindo as perspectivas necessárias à sua superação. A educação brasileira acha-se, portanto, numa situação de encruzilhada. Todo o país sente a necessidade de determinar uma política educacional que permita a formação dos recursos humanos necessários ao desenvolvimento. Esse passo, segundo parecer de economistas como Celso Furtado, é o ponto de partida para qualquer plano estratégico de desenvolvimento, visto que todo desenvolvimento só é possível quando parte do homem e se volta para o próprio homem.

Mannheim em sua obra, Diagnóstico de Nosso Tempo, realça a importância da escola no processo de mudança social ao afirmar: "em uma sociedade na qual as mudanças mais importantes se produzem por meio da deliberação coletiva e onde as revalorizações devem basear-se no consentimento e na compreensão intelectual, se requer um sistema completamente novo de educação; um sistema que concentre suas maiores energias no desenvolvimento de nossos poderes intelectuais e dê lugar a uma estrutura mental capaz de resistir ao peso do ceticismo e de fazer frente aos movimentos de pânico quando soe a hora do desaparecimento de muitos de nossos hábitos mentais".

A reflexão sobre a educação no Brasil nos mostra um sistema educacional em que há completa defasagem entre o tipo de pessoa formado pela escola e as necessidades do meio social.

Temos no Brasil uma população predominantemente jovem, portanto muito plástica para um processo de aceleração social. Estudos sobre esse grupo demonstram que ele se encontra nos mais diferentes estágios sociológicos e concluem ser importante conseguir a sua homogeneização a fim de criar condições de maturação.

A alta percentagem de jovens (por volta de 50% menores de 20 anos) representa um pesado encargo para os elementos economicamente ativos e para a responsabilidade educacional da nação. Considerando os diversos níveis etários dessa população jovem vemos que grande percentual constitui clientela virtual da Escola Média.

Harbison e Myers em sua obra Educação, Mão de Obra e Crescimento Econômico mostram que um dos problemas típicos de países como o Brasil é a falta de Mão de Obra qualificada para assumir o encargo das atividades secundárias ou de transformação. Essas atividades acarretam um processo de crescimento econômico para o país.

Em todo o mundo, o técnico em atividades secundárias é formado pela Escola Média que tem duplo caráter: aumento da capacidade do indivíduo para usar eficientemente os recursos que o meio lhe oferece e, por outro lado, aquisição de instrumental básico para partici-

par do progresso desse meio. A educação média deve ser, portanto, uma síntese de educação para o consumo e para a produtividade. Assim sendo, todas as despesas feitas com esse nível de ensino constituem verdadeiro investimento em capital humano.

A Escola Média brasileira atravessa nas últimas décadas fases de expansão e transformação.

É comum situar-se a partir de 1.930 em decorrência de mudanças sócio-econômicas o processo do aumento da clientela neste nível de ensino. A partir desta época os índices de expansão da Escola Média ultrapassaram tanto os da Escola Primária como os da Escola Superior. Vejamos, no quadro I, os índices de aumento da matrícula desses níveis:

QUADRO I - Crescimento da matrícula no sistema educacional brasileiro 1962/1968.

ANOS	ENSINO SUPERIOR		ENSINO MÉDIO		ENSINO PRIMÁRIO	
	Nº absol.	Nº relat.	Nº absol.	Nº rel.	Nº absol.	Nº rel.
1962	107.963	100	1.464.361	100	8.535.823	100
1964	142.386	131	1.893.163	129	10.217.324	119
1966	180.109	166	2.483.212	169	10.695.391	125
1968	278.295	257	3.205.689	219	11.943.506	139

FONTE - IBGE

Entretanto, verifica-se que este aumento não corresponde à demanda em relação a este nível de ensino.

Em 1969, tínhamos numa população de 82.830.000 habitantes, um total de 19.667.000 na faixa etária de 10 a 19 anos. Comparando esse total com a estimativa realizada para o ensino médio pelo SNEC em 1970, que prevê 2.878.405 matrículas, vemos que apenas 15% dessa população foi atendida pela Escola Média.

Surge ainda, um grande problema que é a distorção na distribuição da matrícula no nível médio.

QUADRO II - Distribuição na matrícula por ramo no Ensino Médio no Brasil.

RAMOS	1964	%	1965	%	1966	%
Secundário	1.368.177	72	1.553.699	72,0	1.805.247	72,0
Comercial	270.036	14	288.351	13,0	306.308	12,0
Industrial	68.819	3	79.230	3,0	91.621	3,0
Agrícola	10.295	0,5	12.878	0,5	14.410	0,5
Normal	175.896	9,0	220.272	10,0	265.626	10,0
TOTAL Ens. Médio	1.893.163	100,0	2.154.430	100,0	2.483.212	100,0

A análise do quadro II mostra a existência de um sistema educacional analista, que obriga o aluno a uma opção precoce entre os estudos acadêmicos (ramo secundário) e a formação técnica (ramos técnico e normal) com o predomínio da matrícula no ramo Secundário, seguido pelos ramos comercial e normal. Observe-se ainda a pequena percentagem de matrícula nos ramos industrial e agrícola, num país de economia de base agrária e em vias de industrialização. A concentração no ramo secundário se explica pelo caráter desse curso, que se destina principalmente à preparação para estudos ulteriores, ou seja, à Universidade. Os cursos técnicos sofrem do preconceito em relação ao trabalho, fruto da mentalidade de desprezo pelo trabalho manual, originado pelo nosso tipo de colonização.

A situação acima descrita nos mostra que de nada adiantava continuar a expandir um sistema educacional que conforme Anísio Teixeira foi criado para uma sociedade de senhores e escravos, uma escola que se destinava a uma elite e que a República tentou democratizar através de sua expansão numérica.

Seria expandir um sistema educacional marcado pela incoerência interna e externa que se manifestam ainda pelos seguintes fatos:

- Falta de determinação de fins específicos para cada grau de ensino, tornando-se cada um deles um simples preparatório para o próximo.

- Baixa produtividade que se evidencia pela enorme taxa de evasão e repetência e pelo pequeno número de alunos que conseguem concluir os cursos primário, médio e superior.

- Metodologia inadequada baseada no verbalismo, na memorização. Ausência de educação científica.

- Preparação deficiente de professores:
- Precárias condições de instalação e equipamentos.
- Falta de orientação do aluno no sentido de torná-lo capaz de escolher uma profissão de acordo com suas reais aptidões.
- Atraso cultural da escola.
- Remuneração baixa do professor.
- Falta de recursos financeiros para a escola.

A reflexão sobre o panorama educacional acima descrito determinou que o MEC instituisse, em 1966 a Equipe de Planejamento do Ensino Médio, para tentar definir um tipo de Escola Média, que abrisse novas perspectivas à educação brasileira. Esse novo tipo de escola se concretizou na Escola Polivalente - integrada, com a Reforma, da 1ª à 8ª série.

A Escola Polivalente visa, antes de tudo, à formação do indivíduo para o humanismo contemporâneo, entendido no sentido de uma "integração do homem nas condições circunstanciais do seu meio e do seu tempo e procura o atendimento dessas condições e do que há de perene no próprio homem". Não é pois uma educação intemporal e intelectualista, que se confunda com o falso eruditismo da escola acadêmica. É a escola que se utiliza da máquina e do microscópio, buscando superar a tradição de uma escola para elite.

É a tentativa de "instituição de uma escola única, pluricurricular, comum e verdadeiramente flexível, em que a flexibilidade é entendida como variedade, riqueza e boa dosagem de currículos, que se oferecem para exploração e encaminhamento das vocações dos alunos, facilitando-se a cada indivíduo a realização de sua contribuição mais eficaz para o desenvolvimento social, cultural e econômico do país. (Seminário Interamericano de Educação - Washington - 1958).

Sabemos que sozinha a Escola Polivalente não será capaz de levar o Brasil ao desenvolvimento, pois como tão bem coloca Hook "as escolas não podem reedificar a sociedade. Os passos decisivos para a transformação social dependem de crises que não vêm preparadas pela educação, mas pelo desenvolvimento da economia que a sustenta, da tecnologia e das eventualidades da guerra. O que a educação pode fazer é preparar, por meio de adequados sistemas críticos, as atitudes e ideais que entram focalmente em jogo quando surgem as crises".

A Escola Polivalente é uma experiência brasileira no campo da educação. Seu alcance só poderá ser avaliado na sua justa medida, dentro do contexto do sistema escolar geral, que por sua vez se explica dentro do contexto do sistema social em que está inserido.

OBJETIVOS DA ESCOLA POLIVALENTE

As denominações, em geral, pretendem, pelo menos, sugerir a idéia do conteúdo das qualidades ou dos objetivos da coisa denominada. A denominação "Escola Polivalente", não fugindo à regra, traduz a idéia da "educação polivalente".

O termo "polivalente", por sua vez, significa, etimologicamente, "mais de uma valência". "Valência", em Química, é "a capacidade ou poder de combinação dos elementos". Logo, "polivalente" é o que tem mais de uma valência, isto é, múltipla capacidade ou poder de combinação. (Poly, gr. = muitos, vários; val, raiz lat., cf. val-co, ere = ser forte, valente, capaz; ter força, poder etc.; ência, sufixo vernáculo, formador de substantivo, exprimindo ação).

Nesse sentido, a denominação acenta bem, como a luva à mão, aos objetivos a que visa o chamado "Ginásio Polivalente".

A idéia básica de educação polivalente assemelha-se a essa idéia fundamental da "múltipla capacidade ou poder de combinar", de unir partes, para obtenção de determinado produto, segundo os fins desejados. O laboratório de Química realiza sínteses de diferentes elementos, para obtenção de novas substâncias, distintas, a seu turno, das que lhes deram origem. O laboratório de Pedagogia, no caso procura, por meio da harmônica combinação de elementos, reunidos em proporções adequadas, obter um produto final, próprio aos objetivos prefixados, ou seja, à formação integrada do educando, para o seu ajustamento individual e social, no mundo de hoje, na cultura de seu tempo. Ao longo da História da Educação, o que tem variado é a conceituação desse ajustamento do indivíduo à sua própria pessoa e ao meio físico e social em que vive, em dado momento e em determinado lugar, em cada sociedade considerada.

A educação polivalente procura adequar esse ajustamento à sua conceituação moderna, segundo as exigências do mundo de hoje, nas sociedades desenvolvidas, estruturadas de acordo com os progressos da Ciência e da Tecnologia, e, no nosso caso, a serviço de um "modo de vida" peculiar, a Democracia, fundada nos valores materiais, morais e espirituais que julgamos convenientes para nós.

Em se tratando de educação, porém, a "polivalência" da Escola Polivalente, não se resume nesse múltiplo poder de combinação de diferentes elementos para obtenção de determinado produto. É que, aqui, o próprio produto é, também, polivalente, pois adquire, por sua vez, a mesma propriedade, ou seja, a capacidade de combinar-se com diferentes elementos.

De fato, ao desenvolver um programa curricular que reúne os elementos da formação literário-científico, prático-vocacional e artística, vale-se a Escola Polivalente da sua capacidade de combinar harmônica e adequadamente esses elementos. É a "polivalência curricular". O seu produto, isto é, o educando, vê-se capacitado a exercer múltipla escolha, segundo suas aptidões, tendências ou pendores vocacionais, nas oportunidades que, no estágio seguinte de sua educação, lhe são oferecidas. É a "polivalência do produto".

Em nossos atuais ginásios com uma estrutura legal multilínea, a educação é univalente, ou seja, tem limitado poder de combinação, dando um produto igualmente limitado, com exígua capacidade de escolha. Assim, o ginásio secundário é acadêmico, com o objetivo de proporcionar a continuidade também acadêmica, em um segundo estágio, literário-clássico ou científico, com a nítida e fundamental preocupação de preparar para a Universidade - sua univalência. Os ginásios técnicos, nas suas diferentes modalidades, se propõem formar artifices especializados ou auxiliares de técnicos de nível médio, com uma forçada "opção" profissional precoce. O ginásio normal forma o regente do ensino primário, isto é, o profissional de magistério, em seu nível elementar. A chamada "equivalência" que se procurou conferir a esses ginásios, para o fim de prosseguimento de estudos, padece de erro fundamental da incoerência, já que não realiza em si, essa "valência igual", isto é, não lhe conferem o poder ou a capacidade de uma escolha consciente.

A Escola Polivalente busca obter um produto final flexível, plástico, "polivalente", capaz de combinar-se, conscientemente com as diferentes formas de atividade intelectual ou prática, que lhe oferecem a educação do segundo grau e as oportunidades do mercado de trabalho.

Desse objetivo fundamental, decorrem os seguintes objetivos específicos da Escola Polivalente:

1. Integrar à educação geral a iniciação técnica.
2. Desenvolver o currículo centrado em aspectos humanísticos que caracterizem as exigências e aspirações de nossa época.
3. Diferenciar as atividades curriculares, possibilitando sondagem de preferências e aptidões.
4. Aplicar os princípios de terminalidade geral e real, preconizados pela "Reforma" ao ensino de 1º grau.

5. Capacitar o aluno com um instrumental básico para realizar tarefas exigidas por uma sociedade em desenvolvimento.
6. Capacitar o aluno para uma posterior opção profissional.
7. Valorizar o trabalho como forma de realização humana.

ORGANIZAÇÃO CURRICULAR

A Escola Polivalente, planejada para Minas Gerais, organiza-se dentro do mesmo espírito e filosofia que norteiam a Reforma do Ensino do 1º e 2º graus. O enfoque central de sua organização curricular é a "FORMAÇÃO BÁSICA QUE PERMITIRÁ AO EDUCANDO VIR A REALIZAR-SE COMO PESSOA, PARTICIPANTE EFETIVO, CONSCIENTE E RESPONSÁVEL DA COMUNIDADE EM QUE VIVE, E DA SOCIEDADE EM GERAL".

Na estruturação das oito séries do currículo teve-se o cuidado de garantir a necessária unidade, integração e sequência, atendendo-se de um lado, a natureza do educando com suas características de criança ou de adolescente e, de outro, as solicitações e exigências de nossa realidade sócio-econômica.

Nossa época está a exigir que a educação cuide, desde o início, de promover o aumento da capacidade do aluno para usar eficientemente os recursos que lhe oferece o meio, ajudando-o a adquirir o instrumental básico para participar ativamente do progresso desse meio.

Já é tempo de se eliminarem barreiras que impedem a continuidade da escolarização, e de atenuar-se a conhecida defasagem no nosso sistema educacional, entre o tipo de pessoas formado pelas nossas escolas e as necessidades da realidade social.

O currículo da ESCOLA POLIVALENTE, como instrumento da educação reflete, assim, aspirações, valores e ideais de nossa Sociedade. É a coerência externa com o presente, sem perder suas raízes no passado.

A ORGANIZAÇÃO CURRICULAR

O quadro anexo dá uma visão global da organização curricular da ESCOLA POLIVALENTE, de ensino de 1º grau.

Na seleção e integração das matérias; na articulação das séries; na oportunidade de estudo seriado e não seriado; na flexibilidade das opções, na diversificação das atividades, encontra-se a sua característica de coerência interna.

CURRÍCULO - ESCOLA POLIVALENTE - MG.

[illegible]

1. Estruturação: O currículo está estruturado em matérias, e estas, em áreas de estudo e/ou disciplinas que guardam entre si a necessária síntese conceptual. Todas as matérias têm início na primeira série e prosseguem até a oitava com uma carga horária que cresce, decresce ou se estabiliza, de acordo com a natureza das disciplinas, possibilidades e necessidades do aluno e os objetivos da Escola Polivalente
2. Períodos Letivos: Para fins de organização dos programas das disciplinas constantes do currículo, manteve-se, para as quatro primeiras séries, em virtude das peculiaridades do aluno, nesse estágio do seu desenvolvimento, a tradição do programa anual.
Para as quatro últimas séries, adotou-se o módulo-semesteral, num total de oito períodos letivos, com quinhentas horas-aula cada um
3. Carga-horária: Nas quatro primeiras séries, a carga anual é de 810 horas, que correspondem a uma média diária de 4 horas e 30 minutos.

Considerando-se que o Anteprojeto da Reforma do Ensino de 1º e 2º graus prevê um mínimo de 720 horas anuais para o primeiro grau, a carga horária fixada é justificável, pois não se contenta com o mínimo, nem tampouco dele se afasta exageradamente

Nas quatro últimas séries, é de 500 horas-aula a carga semestral ou de 1000 horas anuais

A carga horária total das oito séries é de 7240 h., número animador, sobretudo quando se comparam os padrões latino-americanos com os de sistemas educacionais desenvolvidos.

4. Matérias: Quanto às matérias que constituem o conteúdo básico do currículo - comunicação, ciência, artes práticas e educação física - observa-se o seguinte:
 - 4.1 Abrengência: De cada matéria decorre um determinado grupo de disciplinas e/ou áreas de estudo e atividades garantindo, no todo, o grau de universalidade necessária à formação geral do aluno. De maneira global, o conteúdo curricular visa a uma educação da base, preocupada com o desenvolvimento individual e integração sócio-cultural do aluno. Nas quatro últimas séries in

tensifica-se o trabalho de sondagem dos interesses e aptidões, nas áreas de Artes Práticas. É uma integração progressiva da iniciação técnica à formação geral do aluno.

O currículo compreende, pois, duas partes integradas e relacionadas entre si, que propiciarão aos alunos um núcleo básico e um plano de estudos consagrado ao atendimento de seus interesses, em que se identifiquem nas preferências, aptidões e habilidades. Tudo isso para, numa educação humanística, entendida como "integração do homem nas condições circunstanciais do seu meio e do seu tempo - e na procura de atendimento dessas condições e do que há de perene no próprio homem".

4.2 Carga horária específica das disciplinas

A carga horária das disciplinas varia de acordo com a importância da instrumentalidade do conteúdo adquirido, quer como base para a aquisição de outros conteúdos, quer como base para a realização de atividades profissionais.

Assim, Língua Portuguesa, disciplina por excelência instrumental e básica, tem uma carga sensivelmente maior nas quatro primeiras séries porque objetiva dar ao aluno, nesse período, os instrumentos básicos (habilidades de ler, escrever e falar com eficiência) para a aquisição de outros conteúdos na própria língua e em outras áreas. Por outro lado, as Artes Práticas tem a sua carga aumentada, a partir da 7ª. série quando já se pensa em aproveitar interesses e aptidões do aluno, iniciando-se em sua formação técnica.

4.3 Características especiais das matérias

4.3.1 Comunicação - Abrange Língua Portuguesa, Língua Estrangeira e Educação Artística

. Língua Portuguesa - Estende-se da 1ª. à 8ª. série. Pelos motivos já expostos, conta com uma carga horária notadamente maior nas quatro primeiras séries.

. Língua Estrangeira - Independente de seriação. Oferece a partir da 5a. série, opção para o aluno em Inglês e em Francês. As turmas serão organizadas de acordo com o nível de conhecimento do aluno, na Língua de sua opção. O grau de conhecimento determinará a matrícula em nível básico ou complementar.

. Educação Artística - Acha-se incluída nesta matéria por se tratar de uma forma de comunicação estética. Estende-se igualmente, da 1a. à 8a. série, adquirindo especificidade e complexidade, a partir da 5a. série.

Nas quatro primeiras séries, o programa é integrado, visando apenas à iniciação artística.

Esta disciplina envolve atividades de Desenho Artístico, Artes Plásticas, Música, Cinema e Artes Cênicas, que serão desenvolvidas no todo ou em parte, de acordo com as possibilidades da escola.

Na 5a. e 6a. séries, as atividades serão comuns a todos os alunos, ganhando maior diversificação, a partir da 7a. série. Esta diversificação dar-se-á na organização de atividades por grupos de: Artes Plásticas, Teatro, Folclore, Dança, Coral, Conjuntos Musicais etc.

4.3.2 Ciência - Abrange Matemática, Ciências Físicas e Biológicas, Geo-Ciências e Ciências Sociais

. Matemática - Estende-se da 1a. à 8a. série, com uma carga horária equitativamente distribuída por todas as séries

. Ciências Físicas e Biológicas - Estende-se da 1a. à 8a. série com uma carga horária crescente até a 4a. série, estabilizando-se a partir da 5a. série. Nessa área desenvolver-se-ão as atividades de Programas de Saúde.

. Geo-Ciências e Ciências Sociais - Estendem-

se da 1a. à 8a. série, integrados nas 4 primeiras, individualizam-se a partir da 5a. série. A carga horária é crescente nas quatro primeiras séries, equilibrando-se nas quatro últimas. Em Geo-Ciências, desenvolver-se-ão atividades que visem ao conhecimento, utilização e preservação dos recursos naturais. Ciências Sociais integra as atuais disciplinas História, Educação Moral e Cívica e Organização Social e Política Brasileira.

4.3.3 Artes Práticas - Estende-se da 1a. à 8a. série, com uma carga horária crescente. Nas quatro primeiras séries é considerada de maneira global. A partir da 5a. série se individualiza nas áreas de Artes Industriais, Técnicas Agrícolas, Técnicas Comerciais e Educação para o Lar.

Na 5a. e 6a. séries, as Artes Práticas são obrigatórias a todos os alunos que desenvolverão, obrigatoriamente, por semestre, um programa básico em cada uma das áreas técnicas. Esse programa visa a proporcionar ao aluno experiências que lhe permitirão optar, a partir da 7a. série, por uma dessas áreas.

Na 7a. e 8a. séries, as áreas de Artes Práticas assumem pois, caráter de disciplinas optativas, por uma das quais o aluno deverá definir-se.

4.3.4 Educação Física - Estende-se da 1a. à 8a. série com uma carga horária que cresce das quatro primeiras séries para as quatro últimas. As atividades de Educação Física se realizam em turno alternado, e as turmas serão organizadas independentemente de seriação, para atender ao desenvolvimento e preferências desportivas dos alunos.

5 . Opções : A partir da 7a. série o aluno tem oportunidade de fazer sua primeira opção, restrita ao âmbito das Artes Práticas.

Na 8a. série é o seguinte o esquema de opções:
a. Confirmação da opção feita na 7a. série em AR.

TES PRÁTICAS (240 horas);

- b. Conformação da opção em ARTES PRÁTICAS (120 horas) + opção por COMUNICAÇÃO (língua estrangeira, 120 horas) ou por CIÊNCIA (Ciências Físicas e Biológicas, 120 horas)
- c. Mudança de opção da 7a. série, em ARTES PRÁTICAS para outra área dessa matéria (120 horas) + opção por COMUNICAÇÃO ou CIÊNCIA (120 horas).
- d. Mudança de opção da 7a. série, em ARTES PRÁTICAS por uma disciplina dessa matéria (240 h.).

6. OUTRAS ATIVIDADES: Pelo quadro, percebe-se ainda, que foi reser-

vada uma carga horária, para outras atividades. Esta carga se destina, nas quatro primeiras séries a:

- Merenda e recreio dirigido.
- Planejamento e correção de deveres de casa
- Biblioteca
- Atividades cívico-sociais e religiosas.

Nas quatro últimas séries, a carga horária prevista pode ser ocupada em: Orientação Educacional, Preparação e realização de atividades cívico-sociais e religiosas, tais como:

- clubes.
- palestras
- conferências.
- filmes
- torneios etc.

- ORIENTAÇÃO PEDAGÓGICA PARA A EXECUÇÃO DOS PROGRAMAS

A educação é um processo dinâmico que, na escola, envolve etapas interrelacionadas:

- a) fixação de objetivos a serem alcançados
- b) seleção e organização de conteúdos e experiências de aprendizagem
- c) avaliação

A fixação de objetivos é a primeira fase do processo educativo. Consiste na definição de comportamentos a serem adquiridos pelos alunos no fim de determinada etapa de escolaridade.

Caberá ao professor nessa fase, selecionar os comportamentos que deverão ser adquiridos, numa sociedade em mudança e traduzi-los em linguagem bastante clara e precisa, evidenciando comportamentos realmente mensuráveis.

A seleção dos conteúdos e experiências de aprendizagem, segunda fase do processo, deve ser feita em função dos objetivos fixados. "O que ensinar numa sociedade em mudança e numa época de explosão de conhecimentos?" Segundo Bruner, "aprender não deve apenas levar-nos até a algum lugar, mas também permitir-nos posteriormente ir além, de maneira mais fácil". Numa época em que conhecimentos surgem e são substituídos em pequeno espaço de tempo diz ainda Bruner, o importante para o aluno é "a aprendizagem que visa a obter a compreensão geral da estrutura de cada matéria. Captar a estrutura da matéria é compreendê-la de modo que permita relacionar de maneira significativa, muitas outras coisas com ela, ou seja, aprender como as coisas se relacionam".

Finalmente cabe ao professor e à escola uma reflexão constante sobre a eficiência e a validade de seu trabalho. A sistematização dessa reflexão é a avaliação. No ensino se avaliam as aptidões dos alunos, as destrezas, habilidades, aquisição de conhecimentos, mudanças na conduta social etc. Outro aspecto da avaliação será a reflexão sobre a utilidade dessa aprendizagem e sua coerência em função da vida do aluno. A primeira diz respeito principalmente ao aluno, a segunda ao currículo da escola. A avaliação é pois um processo dinâmico, quer dizer, uma investigação contínua de ensino e aprendizagem, para dar à educação um caráter funcional.

- FIXAÇÃO DE OBJETIVOS

Os objetivos gerais, que traduzem a síntese de ideais e aspirações orientadores dos trabalhos no Ginásio Polivalente,

encontram-se descritos no início deste trabalho. As matérias que integram esse currículo foram selecionadas em função destes objetivos. Cada uma dessas matérias envolve uma série de comportamentos que se organizam em três áreas básicas inter-relacionadas: a área motora, a área afetiva e a área cognitiva.

A área motora envolve habilidades manipulativas, automatismos. A área afetiva é aquela que se manifesta através do "modo de ser de cada um", envolvendo: ideais, interesses, valores. A área cognitiva engloba os comportamentos de caráter intelectual, ou seja, os conhecimentos que o indivíduo deve adquirir e as habilidades intelectuais que deve desenvolver.

Os objetivos gerais de cada matéria na Escola Polivalente devem apresentar caráter terminal, pretendendo atingir um certo grau de generalidade, levando em conta, naturalmente, as possibilidades dos alunos e da escola. Desses objetivos gerais, surgem os objetivos específicos correspondentes às diversas condições que cada área de estudo assume ao longo do curso, ao procurar atender às características do currículo da Escola Polivalente. Na definição destes objetivos, dentro da Filosofia que inspira as Escolas Polivalentes, o professor deve:

- fixá-los em função dos alunos
- expressá-los como mudanças de comportamento realmente observáveis e mensuráveis
- elaborá-los considerando o conteúdo específico de cada matéria e o tipo de conduta que dê sentido e funcionalidade a esse conteúdo.

Definidos desta forma, os objetivos deixarão de ser uma mera divagação, sem nenhuma aplicação prática, para serem metas seguras que inspirarão e darão significado ao trabalho do aluno e do professor.

- SELEÇÃO DO CONTEÚDO E DAS EXPERIÊNCIAS DE APRENDIZAGEM

Estabelecidos os objetivos em termos de mudanças comportamentais a serem vividas pelos alunos, o professor passará à seleção do conteúdo e das experiências de aprendizagem.

- SELEÇÃO DO CONTEÚDO

O que ensinar numa sociedade que se caracteriza pela explosão de conhecimentos? Numa época em que conhecimentos são substituídos em curto espaço de tempo, o professor deverá, antes de mais nada, selecionar entre a grande massa de conhecimentos que

lhes são apresentados, aqueles que sejam realmente significativos, ou seja, aqueles que caracterizam a estrutura da matéria. Sabemos que toda a matéria possui um corpo de conhecimentos básicos indispensáveis à sua aprendizagem. Além desses conhecimentos, o aluno precisa adquirir também condições básicas para manipular inteligentemente os dados aprendidos. O essencial não é transformar o aluno num "arquivo de conhecimentos", mas ensinar-lhe a pesquisar nas fontes certas e a utilizar corretamente esses dados em situações novas. Para isto, o professor deverá além de proporcionar situações de pesquisa e de aplicação dos dados de cada matéria, abrir-lhe os horizontes para a explosão de conhecimentos característica do mundo contemporâneo.

- SELEÇÃO DE EXPERIÊNCIAS DE APRENDIZAGEM

Se o professor fixou os objetivos em termos de mudanças no comportamento do aluno, isso reflete a sua concepção de que a aprendizagem é, como afirma Dewey "desarrollo desde dentro", ou seja, a educação é antes de mais nada uma aquisição do próprio aluno. Isso conduz ao conceito básico de que a educação é um processo ativo. Tal conceito determinará a seleção de procedimentos didáticos. Atividade significa não somente atividade física, a agitação interior como muitos pensam, mas sobretudo a atividade interior, que não é somente intelectual, mas também social e moral. É a atividade a que Dewey chama inteligente, aquela que obedece a propósitos e não a impulsos, atividade organizada, porque se não o for "cessa de ser educativa porque é cega".

Os procedimentos selecionados serão ativos na medida em que exijam participação efetiva do sujeito na construção de sua aprendizagem. Essa atividade é encarada, portanto, no seu sentido funcional (conduta fundada na motivação e no interesse) e no seu sentido de realização (ação exterior e motora). Assim entendido, ela é válida em todos os níveis de escolaridade, uma vez que, segundo Piaget, sem atividade não há inteligência: "todo ato inteligente implica num jogo de operações (produto de interiorização e coordenação das ações) e as operações mentais que funcionam produzindo o pensamento na medida em que foram preparadas por ações. A atividade se traduz em experiências de aprendizagem. Só poderão ser consideradas experiências de aprendizagem aquelas que se incorporam ao indivíduo, determinando mudanças em seu comportamento.

Essa experiência, de acordo com a maneira com que são vivenciadas, poderão ser classificadas em experiências diretas (exemplo, o aluno poderá conhecer o Rio São Francisco fazendo uma

viagem pelo rio), ou indiretas ou vicárias, em que a aprendizagem se processa através da experiência de outros (outra forma de conhecer o Rio São Francisco através de gravuras, informações etc.).

Numa e noutra, para que haja aprendizagem, é necessário uma atitude de análise, de crítica, de reflexão e julgamento por parte do aluno.

Na Escola Polivalente, partindo do fato de que o aluno é o sujeito da aprendizagem, caberá ao professor, no desempenho do seu papel de orientador, selecionar experiências diretas e indiretas. Para o desenvolvimento dessas experiências, a Didática nos indica: estudo dirigido, pesquisas, seminários, instrução programada, feiras, trabalhos de campo, excursões etc., conforme indicam os programas anexos.

As experiências de aprendizagem podem ser vivenciadas individualmente ou em grupo. No primeiro caso, baseia-se na necessidade do atendimento às diferenças individuais e no fato de que o aluno é uma individualidade que deve ser respeitada como tal. O segundo tipo se fundamenta nos estudos sociológicos que demonstram a importância da vida social para a troca de idéias e a ampliação da bagagem cultural, constituindo ainda um meio pelo qual se praticam princípios morais de conduta. A síntese desses dois tipos de vivência é indispensável para a integração do indivíduo, pois, embora cada homem seja um ser único, grande parte de sua personalidade é função da sociedade que o envolve.

Nessa linha de orientação, as Escolas Polivalentes desenvolverão métodos ativos de trabalho e serão centros de "Escola Nova". Entendemos por "Escola Nova" uma atitude dinâmica, crítica, de investigação e de insatisfação, em busca de um permanente aperfeiçoamento. Significa um ambiente rico de experiência e de situações que implicam em atividades intelectual e vivência real dos problemas relacionados à situação ensino - aprendizagem.

- AVALIAÇÃO

A avaliação é um processo dinâmico, através do qual toda a Escola Polivalente procurará verificar em que medida os objetivos fixados estão sendo alcançados. A avaliação tem duas funções principais:

- diagnose e controle da aprendizagem e
- seleção e classificação de alunos para a aprendizagem

No primeiro caso a avaliação indica em que grau os objetivos fixados pela escola e pelo professor foram atingidos. Será

feita, portanto, em função das mudanças comportamentais desejadas pela escola em geral e por cada matéria em particular. Medirá não só o rendimento do aluno, mas também a eficiência do professor e do currículo.

A outra função, de seleção e classificação tem como objetivo verificar se os alunos possuem os pré-requisitos necessários à aprendizagem, ou seja, "determinados comportamentos já existentes no indivíduo e em que grau existem, em qualidade e quantidade". (1)

- A AVALIAÇÃO COMO ELEMENTO DE DIAGNOSE E CONTROLE DA APRENDIZAGEM

Neste processo, serão considerados, especialmente, o currículo e o aluno. Embora um exista em função do outro, no momento da avaliação, por questões técnicas, serão separados.

A reflexão sobre o currículo terá caráter geral, intimamente relacionado com os objetivos gerais da escola.

Na Escola Polivalente, a avaliação do currículo poderá partir de questões como:

- que exigências e aspirações de nossa época foram realmente atendidas?
- que instrumental básico teria adquirido cada aluno para integrar-se efetivamente na problemática de nossa sociedade em desenvolvimento?
- que evidências tivemos de valorização do trabalho?
- que evidências tivemos da integração da educação geral com a iniciativa técnica?
- teria a diferenciação do currículo possibilitado a cada aluno manifestar-se e ser atendido em suas preferências?
- qual teria sido a terminalidade real para cada aluno?
- teria ocorrido, de fato, a terminalidade geral do ensino de primeiro grau para cada aluno?

A busca a estas perguntas envolve trabalho constante, regular, e não apenas periódico. É processo contínuo porque intimamente relacionado com a dinâmica da formulação e reformulação dos objetivos. É processo integral que envolve toda a instrução. Os resultados são avaliados pela escola como um só grupo, e por todos

os meios possíveis. Obviamente, o propósito último da avaliação do currículo está na avaliação das mudanças de comportamento do aluno, na avaliação de seu progresso. Todavia não pode limitar-se a esse aspecto básico. O estudo das demais mudanças, no campo pedagógico, organizacional e administrativo repercutirá e facilitará a interpretação das mudanças comportamentais do aluno. Daí a natureza ampla da avaliação, envolvendo toda a escola: administrador, funcionários, orientadores, professores, pais e os próprios alunos.

Como sugestão, apresentaremos o quadro abaixo, que mostra a amplitude da avaliação do currículo da Escola Polivalente, envolvendo mudanças desejáveis relacionadas com objetivos e propósitos estabelecidos:

SUGESTÕES PARA A AVALIAÇÃO DO CURRÍCULO DA ESCOLA POLIVALENTE

MUDANÇAS COMPORTAMENTAIS DESEJÁVEIS

Nas situações de ensino - aprendizagem

Pontos de referência, envolvendo professores e alunos

- Preparação e utilização de ambientes que promovam aprendizagem efetiva
- Oportunidades para o exercício da auto-disciplina
- Interesse comum em resolver problemas comuns
- Ambiente que ofereça igualdade de oportunidades de participação e sucesso
- Desenvolvimento de habilidades para utilização de materiais diversificados

Pontos de referência envolvendo mais o professorado

- Trabalho cooperativo para confecção de materiais de ensino
- Instalação de salas-ambiente ou Centros de Materiais de Ensino e de Bibliotecas
- Utilização de recursos humanos e materiais da comunidade
- Provisão de materiais adequados aos interesses, necessidades e níveis de preparo dos alunos

no comportamento do aluno

Pontos de referência:

- . Habilidades para solução de problemas significativos
- . Diversidade de interesses
- . Melhor compreensão e estima de si mesmo
- . Melhoria nas habilidade de comunicação
- . Autodireção e independência para selecionar atividades de preferência, escolares e não escolares
- . Consciência da existência de diferentes culturas e subculturas e interesse de trabalhar e conviver com pessoas desses diferentes grupos
- . Habilidades e atitudes para o bom relacionamento humano
- . Capacidade de análise crítica de vários tipos e fontes de informação
- . Capacidade de localizar informações, com eficiência
- . Desenvolvimento crescente da iniciativa e da criatividade

Nos processos de Trabalho de Grupo

Pontos de referência:

- . Estudos sobre processos de grupo e práticas
- . Melhoria na comunicação dentro da própria escola e entre outras Escolas
- . Estudos sobre objetivos educacionais, estabelecimentos de objetivos e acordos sobre a melhor maneira de serem atingidos
- . Igualdade de oportunidades a todos os professores para o planejamento e execução cooperativos e previsão do respectivo campo exigido para essas tarefas

Nas relações Escola-Comunidade

Pontos de referência:

- . Evidência de cooperação e participação
- . Utilização da Escola como Centro de Vida Comunitária
- . Utilização da Comunidade como laboratório da Escola

Na organização da Escola

Pontos de referência:

- . Situação da escola como unidade básica para a elaboração do currículo ou vinculada ao Sistema do Estado
- . Ambiente da escola como centro de coordenação de ensino
- . Serviços de consulta e supervisão organizados especialmente
- . Matrícula e lotação de classes de acordo com as condições do prédio e do quadro do pessoal
- . Provisão de horários para a orientação pedagógica e educativa e para as demais atividades
- . Transição gradativa entre complementação de escolaridade formal e início de trabalho
- . Programa compreensivo, regular e eficiente de aperfeiçoamento do professor

Os tipos de instrumentos e os dados para a avaliação do currículo variam segundo o objetivo e a natureza do aspecto do currículo a ser avaliado. Um mesmo objetivo pode ser avaliado em situações diferentes, com materiais diversificados.

Por exemplo, para avaliar a melhoria do ensino não basta que examinemos apenas a melhoria da escolaridade ou do aproveitamento dos alunos nas diversas matérias, áreas de estudo ou disciplinas, por intermédio de provas, testes e outros exercícios. Estes e muitos outros dados deverão ser levados em conta, o que permitirá uma descrição mais exata das situações. Na obtenção desses dados a escola poderá se utilizar de procedimentos como:

- Coleta de opiniões sobre determinadas práticas da escola
- Questionários (estruturados ou não)
- Inventários de valores e crenças
- Acompanhamento de mudanças comportamentais de alunos e professores
- Gravações de reuniões e conferências individuais e coletivas
- Registro de sessões de avaliação de grupo (da escola, do professor ou do aluno)

- Análise de processos de grupos correntes
- Comentários informais de avaliação
- Entrevistas com pais, professores e alunos
- Técnica sociométrica
- Observação na sala de aula
- Registros descritivos e cumulativos
- Informações de registros permanentes
- Diários
- Registros de atividades de classe
- Atas e minutas de reuniões

Estes e outros meios estão a serviço dos fins e propósitos da avaliação, daí a sua importância.

- AVALIAÇÃO DO ALUNO

Em relação ao aluno o importante é determinar em que medida os objetivos para ele fixados têm sido atingidos. Para que um fenômeno de conduta possa ser medido é preciso que tenha alguma dimensão através da qual se possa inferir a sua extensão.

Os traços característicos de uma conduta para serem medidos devem:

- ser comuns a um grupo ou a uma classe de pessoas;
- ser objeto de percepção
- ser possível de uma definição clara e precisa
- variar em relação às pessoas que o possuem
- determinar reações muito semelhantes entre os observadores.

Por isso o professor deverá, antes de mais nada, definir o fenômeno em termos de suas dimensões e por sua vez determinar as características de conduta que o determina. A avaliação será feita em função desses fenômenos.

A eficiência de um instrumento de medida está na sua adequação ao objetivo nas áreas do comportamento humano.

A) Conteúdos e condutas da área cognitiva:

Nessa área do comportamento humano, o professor tem em mente verificar que conhecimentos o aluno domina e sua habilidade em manipular esses conhecimentos.

Bloom em seu livro, Taxonomia dos Objetivos Educacionais, identifica os seguintes comportamentos em relação a essa área:

a) Conhecimentos de terminologia e fatos específicos

Toda matéria inclui um certo número de conhecimentos básicos e essenciais, que o aluno deve dominar: são fatos, datas, nomes, terminologia, convenções próprias da disciplina, leis, princípios, regras, classificação e teorias.

b) Habilidades intelectuais que se traduzem por:

- habilidade de compreensão: traduzir e interpretar textos e atuações, extrapolar a partir de dados;
- habilidades de aplicação: usar os dados em situações concretas
- habilidade de análise: fundamentar afirmações, distinguir entre fatos, idéias, opiniões
- habilidade de síntese: organizar dados em uma estrutura
- habilidade de avaliação: julgar idéias, trabalhos, métodos em função de critérios objetivos.

Para cada um desses comportamentos há um tipo de ensino e logicamente um tipo de medida, adequada. Nesta área há dois tipos básicos de medida-dissertação (oral e escrita)

- teste objetivo

A dissertação requer que o estudante planeje sua resposta e o faça com suas palavras. No teste objetivo de um modo geral o estudante é chamado a escolher entre alternativas propostas, a correta.

Como já dissemos, a utilização de um ou outro tipo de depende do objetivo a ser medido. Por exemplo, quando o professor deseja avaliar a capacidade de síntese, a dissertação é um dos procedimentos mais indicados. Se o objetivo for avaliar a habilidade de aplicação, um problema com várias respostas para que o aluno in

dique a resposta correta, poderá ser excelente instrumento de medi-
da.

Assim sendo, um instrumento de medida é algo sério que deve ser planejado pelo professor a fim de que ele não caia no erro comum de medir o que não ensinou ou, medir através de instrumentos inadequados. Além do planejamento é necessário, após a execução, que o professor com o auxílio do orientador pedagógico, analise o instrumento utilizado em função dos resultados.

Essa análise é feita sob dois aspectos:

- a) global, que permite ao professor verificar, de maneira concreta e compreensível a frequência e a distribuição das notas pela escala utilizada. Esse trabalho permite verificar como os resultados se distribuíram na curva de frequência normal e o nível de dificuldade da prova como um todo. O professor deverá estar atento para os resultados extremos que podem indicar: seleção de um instrumento de medida inadequado ou problemas de aprendizagem.
- b) análise interna de cada questão para verificar sua validade. Isso se faz pelo cálculo do índice de discriminação e do grau de dificuldade de cada questão. O índice de discriminação indica o poder de uma questão selecionar os alunos mais capazes dos menos capazes. É muito importante na seleção. Na sala de aula sua importância é menor, ajudando o professor a organizar melhor as questões.

O grau de dificuldade indica o número de alunos que responderam a questões corretamente. Quanto maior o número de respostas corretas, mais fácil será considerada a questão.

Estudos feitos indicam que não há relação entre o índice de discriminação e o grau de dificuldade de uma questão (Julian Stanley - Measurement in today's school). Uma questão considerada fácil pode ser altamente discriminativa e vice-versa.

Esse estudo, além de levar o professor e o Serviço de Ensino a uma reflexão sobre seu trabalho, permitirá ainda a organização de um bando de questões para cada matéria que poderá ser utilizado oportunamente pelos professores. O professor poderá utilizar ainda como recursos de avaliação: seminários, exercícios, pesquisas, monografias, relatórios etc.

B) Na área motora

Nessa área do comportamento humano o professor terá em mente verificar as habilidades manipulativas e os automatismos. Na Escola Polivalente essa área será especialmente explorada pelas Artes Práticas. O principal instrumento de medida é a observação, que poderá se processar através de:

- provas práticas
- testes de: reconhecimento
situações simuladas
desempenho de funções

As provas práticas tem por objetivo medir a habilidade do aluno em desempenhar determinadas funções levando-se em conta o tempo gasto e o grau de perfeição com que é desempenhada a tarefa. Exemplo deste tipo são as provas de datilografia, construção de objetos, execução de instrumentos etc.

Os testes de reconhecimento visam medir as habilidades de reconhecer características essenciais à execução de uma tarefa. Na Escola Polivalente, testes como estes, serão utilizados para medir a habilidade de verificar a qualidade de um material utilizado para a execução de um projeto, a exatidão da montagem de um aparelho etc. Nesse tipo de teste o objetivo não é medir se o aluno sabe executar a tarefa. Isso será medido nos testes de situações simuladas, ou seja, situações que copiam o real. Na Escola Polivalente estes testes serão utilizados comumente nas Técnicas Comerciais em que serão simuladas situações de compra e venda. Ou em testes práticos em que o professor verificará a execução de um trabalho em situações normais. Exemplo disso será verificar o desempenho do aluno em estágios na comunidade.

Nesta área, chamamos mais uma vez a atenção do professor para a relativa importância da rapidez, presteza, do uso de métodos adequados e da qualidade do produto. O que é mais importante, a qualidade do produto ou a rapidez e a qualidade?

C) Na área afetiva

A área afetiva é aquela que envolve ideais, interesses, valores. Por isso, objetivos educacionais seriam limitados se descurassem desses aspectos essencialmente formativos. Os comportamentos nessa área exigem a interiorização de tipos de conduta que vão caracterizar a personalidade do indivíduo, dando o tônus às suas atividades nas áreas cognitiva e motora.

O conhecimento das etapas do método científico não garante o seu emprego na vida prática. Assim como o conhecimento das técnicas de trabalho em grupo não garantem o desenvolvimento de atitudes de cooperação, ajustamento social em relação aos membros da equipe. Atitudes como essas e outras como, apreciar uma música, se comportar em função de determinados valores etc., exigem um trabalho grande por parte da escola no sentido de proporcionar situações agradáveis, de vivências que estimulem o desenvolvimento dessas atitudes.

É importante que o professor embora não possa medir de imediato esses comportamentos, os leve em consideração no planejamento das atividades. É importante, ainda que o professor saiba identificar esses comportamentos para não cair no erro tão comum em nossas escolas de sobrepor as áreas de avaliação dando notas em atitudes. Exemplo disso é o professor que dá zero em conteúdo ao aluno que não se portou adequadamente em sala de aula.

Para ter uma idéia dos valores que estão sendo desenvolvidos pelos alunos, o professor poderá se utilizar de instrumentos tais como:

- exame analítico e global de registros cumulativos sobre interesses, preferências, atitudes em classe, participação em trabalho de equipe etc, com a participação de professores, orientadoras, alunos, pais e outros elementos envolvidos.
- enquete e entrevistas sobre assuntos e preferências ou rejeição com justificativas: atitudes em face de problemas políticos e sócio-econômico locais, nacionais e internacionais.

É necessário que o professor tenha em mente que atitudes, crenças, valores, ideais etc, levam tempo para serem bem estruturados. Assim sendo podem não ser adquiridos ao fim da unidade ou mesmo de um curso, como muitas vezes ocorre nas áreas cognitivas e motoras.

Os resultados da aprendizagem afetiva (interiorização total de condutas) serão avaliados sistematicamente de acordo com suas características especiais e integrarão como qualquer outro objetivo da área cognitiva ou motora o sistema de metas que deverão ser alcançadas na Escola Polivalente.

- VERIFICAÇÃO DO RENDIMENTO ESCOLAR NA ESCOLA POLIVALENTE

A verificação do rendimento do aluno na Escola Polivalente compreende:

- a avaliação da aprendizagem
- a apuração da frequência

- AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM

A avaliação da aprendizagem se fará pelo sistema de pontos cumulativos, distribuídos em número de 100 durante o semestre ou ano, segundo a caracterização da disciplina e/ou área de estudo.

Aos testes ou provas, utilizados como instrumento de avaliação em certas disciplinas, não serão atribuídos mais de 40% dos pontos a serem distribuídos durante o período. Terão preponderância, pois, os resultados obtidos em exercícios, relatórios, pesquisas etc., realizados durante o período.

SERÁ APROVADO O ALUNO QUE OBTIVER UM MÍNIMO DE 60 PONTOS, DESDE QUE TENHA FREQUÊNCIA

O ALUNO QUE OBTIVER 40 a 60 PONTOS ESTARÁ SUJEITO À RECUPERAÇÃO, DURANTE AS FÉRIAS DESDE QUE TENHA FREQUÊNCIA.

OBSERVAÇÃO: Não confundir essa recuperação com aquela que deverá ser feita durante todo o período letivo. Esta última evitará que um número maior de alunos fique para a "Recuperação" durante as férias.

O aluno que obtiver, mesmo com os dois tipos de recuperação, menos de 40 pontos deverá cursar de novo a disciplina e/ou área de estudos no semestre seguinte.

- 60 a 100 pontos - aprovado
- 40 a 60 pontos - recuperação em período de férias
- menos de 40 pontos - repetir a disciplina

FREQUÊNCIA

O aluno de aproveitamento suficiente (60 ou + pontos), deverá ter ainda frequência igual ou superior a 75% da disciplina para ser aprovado.

O aluno de frequência inferior a 75% e igual ou superior a 50% estará:

- aprovado, se tiver obtido na disciplina 80 ou mais pontos
- sujeito a recuperação, se tiver obtido entre 60 e 80 pontos

O aluno com menos de 50% de frequência, seja qual for o número de pontos obtidos, deverá repetir a disciplina.